

Sinopse

«Na tua margem, onde o batelão dormia, acabava a Gorongoza.
Na outra margem, entre embondeiros, a Europa começava.
Mas era sem mistério a divisória.
Lembras-te Jacopo, como fluíam límpidas as águas?»
(O Lento Gotejar da Luz, Leite de Vasconcelos)

Rui viveu a sua infância em Moçambique, num território perdido nas profundezas do mato, junto da natureza selvagem, na fronteira de um misterioso rio.

Filho de colonos portugueses, cedo aprendeu a reconhecer duas realidades e emoções distintas – a da Europa e a da África.

A sua vida foi marcada por uma permanente opção entre duas margens; duas culturas; o branco e o negro; o “patrão” e o “escravo”; a violência e a paz; o amor e a paixão...

Aos catorze anos, confrontado com a trágica e inevitável destruição da sua infância, Rui Pedro escolherá a sua margem, entre as muitas margens do rio.

Notas do Realizador

Dedicatória

Este filme foi rodado no início do ano 2000, durante as cheias que assolaram Moçambique. Na sua produção fui violentamente confrontado sobre a pertinência de realizar um filme em circunstâncias limites, perante inúmeras adversidades, sob o espectro de uma violenta tragédia e da morte. A vontade de filmar este projecto, a força das pessoas envolvidas na rodagem e o desejo de homenagear o povo moçambicano, levaram a que este filme se fizesse, para além de todas as condicionantes e de todos os impossíveis.

Wafa, wafa , wassala, wassala - Morreu, morreu, ficou, ficou.
Dedico este filme aos que ficaram.

Fernando Vendrell

Notas do Realizador

Nota de Intenção

Nas apresentações públicas do meu primeiro filme - Fintar o Destino (filmado em Cabo Verde) algumas pessoas questionaram-me sobre a ausência de uma visão crítica da política colonial portuguesa. Estou certo que só na aparência o filme não contempla esse aspecto, já que se situa no quotidiano e na cultura actual desse país, uma antiga colónia portuguesa. Naquele caso em particular, centrei o trabalho numa pesquisa da entidade crioula e na existência real de uma nova cultura miscigenada. Apenas procurei captar a sua verdade – a de uma fascinante utopia.

O Gotejar da Luz, é um projecto em que de novo pude aprofundar o problema colonial. Neste filme abordei a temática através de duas realidades temporais: o período colonial e o presente em Moçambique. Através do protagonista, Rui Pedro, podemos entender historicamente alguns aspectos da política colonial portuguesa, bem como alguns dos dilemas que afectam a sociedade moçambicana contemporânea.

O período colonial marcou de uma forma emocional a sociedade portuguesa, bem como os povos dos territórios que foram confrontados por esta realidade histórica. Após uma conturbada descolonização e perante um legado histórico comum, este tema provoca ainda uma enorme afectação e fortes reacções no tecido social dos países envolvidos. Curiosamente, as relações diplomáticas e cooperantes existentes entre os actuais Estados, são pautadas por uma ausência de informação sobre a realidade deste período histórico. Receio que as novas gerações de portugueses interpretem o período colonial como uma convivência natural, plena de bonomia e trazendo desenvolvimento aos países e povos dos territórios colonizados. A existência de um relacionamento comum é um facto incontornável, mas os factores negativos e positivos deste período colonial têm de estar presentes para melhor definir o futuro.

Para o escritor Leite de Vasconcelos, ele mesmo moçambicano de raça branca e filho de colonos portugueses, era importante o conhecimento das tradições e cultura do povo moçambicano mas também o entendimento do mais recente passado colonial. O futuro de Moçambique passa pelo respeito da entidade primordial do seu povo e da sua terra, mas também pelo reconhecimento da existência de uma entidade africana branca.

Num mundo afectado por profundas crises económicas, com um agravamento dos conflitos étnicos, perante o ressurgimento da xenofobia e dos fanatismos religiosos, O Gotejar da Luz coloca em questão alguns dos valores essenciais: a terra, a tradição e um entendimento mais abrangente da humanidade e do amor.

Neste novo projecto questiono todas as utopias procurando uma resposta.
Quantas margens tem um rio?

Notas do Realizador

Sobre a Produção

A produção de O Gotejar da Luz teve aspectos quase épicos. Foi um trabalho com momentos de grande intensidade emocional em que enfrentámos inúmeras dificuldades e nos aproximámos do povo e da terra moçambicana. Nenhum elemento da equipa, actor ou técnico, pôde permanecer indiferente a esta rodagem. O filme é apenas o testemunho visível desta grande aventura.

Pesquisa

Na preparação do filme começámos por tomar contacto com o período histórico da acção - o final dos anos 50 - com particular incidência nos aspectos coloniais portugueses. Observámos filmes, revistas e gravações musicais para melhor conhecer o espírito da época. Pesquisámos a iconografia existente: livros, fotografias, filmes de família e documentários de arquivo. Através de entrevistas, procurámos recompor o quotidiano dos colonos na cidade e no mato, e reconstituir o relacionamento entre brancos e negros naquela época. Em paralelo, efectuámos uma recolha de elementos ligados à cultura moçambicana, com uma atenção particular à vida e à tradição cultural das comunidades rurais.

Locais

Após uma pesquisa ao local onde se situava a história original, na região da Gorongosa, constatámos as enormes dificuldades de comunicação e transportes que inviabilizavam a sua utilização. Optámos então por situar o filme no sul de Moçambique mas, ainda assim, ao escolhermos os locais de filmagem definitivos, confrontámo-nos com as grandes distâncias, o mau estado das vias de comunicação e o isolamento das populações rurais. Entre as diversas dificuldades logísticas que se apresentavam, tivemos que evitar áreas minadas ou desertificadas pela guerra. Acabámos por escolher o Componde, a Companhia algodoeira (destruída), o Rio (sem batelão), o Campo de algodão (para plantar), nas regiões de Xinavane, Changalene, Libombos e Goba. Mais tarde as inundações que assolaram Moçambique viriam a isolar as regiões escolhidas e a destruir parcialmente alguns dos locais de rodagem. O filme iniciou a sua produção com alguns dos cenários ainda inacessíveis e com outros por definir. Apenas a Companhia e o Campo de algodão não foram afectados pelas cheias. A destruição dos leitos dos rios dificultou a escolha de um dos cenários mais importantes do filme. Já durante a rodagem descobrimos um lindo rio em Porto Henrique, misteriosamente preservado, que possibilitou a filmagem das cenas do batelão e a conclusão das filmagens.

Actores

Optámos por trabalhar com actores amadores e profissionais. Mais do que uma contingência de produção, tratou-se de procurar uma verdade primordial que fundamentou o trabalho da realização no filme. Através de uma longa pesquisa pudemos encontrar pessoas com um perfil único que se disponibilizaram para o filme. Entre outras pessoas, assim aconteceu com Luís Sarmento, Filipe Carvalho e Amaral Matos. Estes actores acabaram por se converter em modelos para a concepção dos personagens, enriquecendo o filme com a sua própria vida. Durante a rodagem pudemos registar a passagem da infância para a adolescência do Filipe Carvalho, conviver com a profunda sabedoria e experiência de vida de Amaral Matos, e conhecer a vida e o amor por Moçambique de Luís Sarmento. Pudemos ainda privilegiar o trabalho com inúmeros actores moçambicanos, como Alexandra Antunes, Alberto Magassela, Ana Magaia e Marenguele Mahwayi, entre outros, e com actores nascidos em Moçambique, como Marco D'Almeida. Em contraponto, para os papéis de "colonos" foram escolhidos actores profissionais portugueses: Teresa Madruga, Vítor Norte, António Fonseca, Carla Bolito e Carlos Gomes. Todos eles se entregaram ao projecto com grande humildade e generosidade e os seus contributos marcaram indelévelmente o filme.

Nota de Produção

Uma aventura inesperada e “enriquecedora”

Quem veja o suave correr do rio, do tempo, e as paisagens bucólicas do interior de Moçambique retratadas no filme, estará longe de imaginar as dificuldades vividas pela equipa que o rodou. Ainda que se aceite à partida que não há filmes “fáceis” de se fazer, “O Gotejar da Luz” significou uma nova dimensão de esforço e dedicação para todos os seus participantes, uma experiência que o realizador Fernando Vendrell qualificou de “enriquecedora”, já que se tratou de fazer face a uma situação de calamidade nacional, causada pelas cheias, e de persistência perante surtos de malária, de cólera e de dificuldades logísticas de todo o tipo.

Entre as peripécias vividas pela produção do filme destacam-se:

A plantação de um campo de 10 hectares de algodão no sul de Moçambique, cultura colonial de má memória para as populações locais que inicialmente se recusaram a participar na plantação. Só quando o régulo local explicou que o objectivo era homenagear o sofrimento dos tempos coloniais é que concordaram em participar.

Colaboração de um Xamã ou feiticeiro para realizar uma cerimónia de purificação num dos cenários escolhidos. Os figurantes locais recebiam os maus espíritos associados ao local.

Um camião com areia e uma equipa de limpeza de mato precediam a equipa de rodagem com uma semana de antecedência em cada cenário para reconstrução das estradas e preparação do local.

Construção de uma represa e de estradas de acesso no cenário do rio, em Porto Henrique, para o contentamento da população local, que ficou com um local privilegiado para a lavagem de roupa.

As nuvens de mosquitos, incentivadas pelas cheias, eram tão intensas que a produção ligava holofotes a alguma distância do plateau, para os atrair. Ainda assim, foram 40 os casos de malária que afectaram a equipa, curiosamente todos eles eram elementos masculinos da produção. Nenhuma mulher foi afectada pela doença.

A equipa era sempre precedida por cataneiros em cada deslocação a pé nos cenários, para limpar o mato e afastar as cobras. Um elemento foi mordido por uma cobra venenosa, tendo-lhe sido amputado um dedo da mão.

Distribuição
Portugal: LNK
Moçambique: Lusomundo

Exibição
Estreia comercial em Portugal a 15 de Fevereiro, em seis cinemas:
Lisboa - São Jorge e Quarteto; Porto - AMC; Faro – Fórum;
Mem Martins - Cinemas Castello Lopes; Funchal - Cinemas Castello Lopes.

Estreia comercial em Moçambique a 8 de Fevereiro, cinema Xénon.

Orçamento
204 mil contos, financiados pelo ICAM, Cinemate e RTP.

Cinamate Produções

As produções cinematográficas e audiovisuais são uma das ramificações mais recentes da empresa, que há 36 anos tem como actividade principal o aluguer de material cinematográfico. Em 1996 instalou uma sucursal em Maputo, que permitiu o equipamento integral de material de iluminação e maquinaria da produção de “O Gotejar da Luz”.

A Cinamate Produções conta com duas longas metragens já concluídas, “A Tempestade da Terra”, com argumento de Fernando d’Almeida e Silva e Luís Carlos Patraquim e realização de Fernando d’Almeida e Silva, e “O Gotejar da Luz”, com argumento de Leite de Vasconcelos e realização de Fernando Vendrell, que agora estreia. A empresa pretende manter-se atenta nesta área, acompanhando os novos projectos de jovens criadores.

Co-produziu uma longa metragem luso-brasileira com o título “Memórias Póstumas” de André Klotzel. Co-produziu também uma série televisiva intitulada “A Vida como ela é...” com realização de Fernando d’Almeida e Silva.

Produziu uma curta metragem intitulada “Erros Meus” com realização de Jorge Cramez, e um documentário de Licínio de Azevedo, intitulado “Desobediência”.

Neste momento, encontra-se a preparar e a desenvolver vários projectos: Duas longas metragens: “Sombras” com argumento e realização de Jorge António, e “A Lenda de Shargow” com argumento e realização de Bruno Martins.

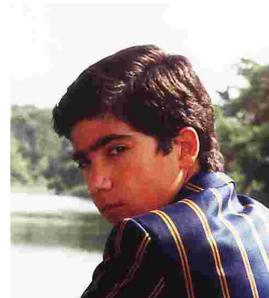
Apoio à escrita de dois argumentos para duas longas metragens de ficção, que terão os títulos: “Maremoto” da autoria de José Miguel Moreira e “O Último Voo do Flamingo”, baseado no livro de Mia Couto, com argumento de Luís Carlos Patraquim e João Ribeiro, que assinará também a realização desta longa metragem.

Preparação de três projectos para documentário: “Os Anos do Chumbo” com argumento e realização de José Pedro Santos, “O Ritmo do Mar” e “Os Mineiros de São Domingos” ambos da autoria e realização de Paulo Albergaria.

Actores Principais

Filipe Carvalho – Rui Pedro 14 anos

A sua aparição no mundo do cinema aconteceu por acaso quando acompanhou o pai a um casting para o filme “Fátima”. Foi escolhido para interpretar o papel de Jacinto. Esta é sua segunda aventura no mundo do espectáculo e a primeira como protagonista.



Alexandra Antunes - Ana

Tal como o Filipe Carvalho, foi ao acompanhar um familiar ao casting, neste caso uma prima, que esta moçambicana de Maputo acabou por ser escolhida. Diz ter gostado da experiência mas considera que esta foi a sua primeira e última aparição no cinema já que quer dedicar-se à carreira de Direito, curso em que é finalista.



Amaral Matos – Jacopo

Um estreante de 71 anos. Deputado moçambicano e antigo Primeiro Secretário da Frelimo, membro de uma célula clandestina desde 1958, viu na sua participação a melhor maneira de homenagear Leite de Vasconcelos, de quem era camarada, amigo e admirador.



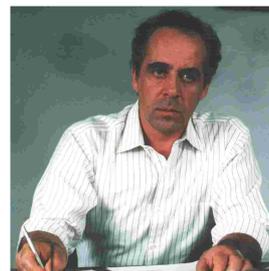
Teresa Madruga – Alice

Desde finais dos anos setenta Teresa Madruga é uma presença constante e uma das actrizes de referência no teatro e no cinema portugueses, tendo trabalhado com a maior parte dos mais consagrados realizadores e encenadores nacionais. O seu papel de protagonista no filme do suíço Alain Tanner “Dans la Ville Blanche” valeu-lhe o reconhecimento internacional e a participação em produções estrangeiras, nomeadamente em Espanha e França.



António Fonseca – César

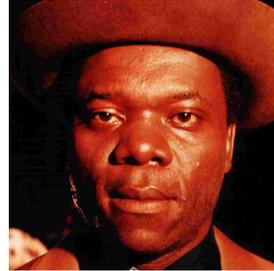
Actor e encenador desde 1977, António Fonseca esteve ligado ao Teatro da Cornucópia durante dez anos, até 1998. Licenciado em Filosofia, tem desenvolvido projectos no domínio das relações entre o Teatro e a Educação e como professor em várias instituições, tais como a Escola Superior de Teatro e Cinema, Universidade de Évora e Escola Superior de Educação do Porto. Tem trabalhado como actor em televisão e cinema, nomeadamente em A Caixa e Porto da Minha Infância de Manuel de Oliveira, Os Mutantes de Teresa Villaverde e Cães Raivosos de Paulo Castro, entre outros.



Actores Principais

Alberto Magassela – Guinda

Actor e encenador moçambicano que pertence ao elenco do Teatro São João do Porto, Alberto Magassela teve o desafio de interpretar o personagem de um assimilado, Guinda, uma memória dos tempos coloniais que já não conheceu. Saiu de Moçambique apenas há 6 anos (com a idade de 28) onde colaborou com os grupos M'Beu e Mutumbela Gogo.



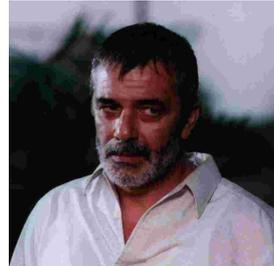
Carla Bolito – Isaura

Com uma formação essencialmente teatral, Carla Bolito torna-se conhecida do grande público após ter desempenhado o papel principal no filme Corte de Cabelo de Joaquim Sapinho em 1995, que lhe valeu a aclamação da crítica e um prémio de interpretação no Festival de Genebra. Desde então tem sido uma presença assídua nas produções de cinema teatro e televisão em Portugal. É a actriz que o ICAM leva ao Festival de Berlim 2002, no âmbito do Shooting Stars.



Vitor Norte – Barroso

Um dos actores mais solicitados nas produções nacionais dos últimos anos, Vítor Norte é um exemplo de versatilidade e de entrega aos papéis que desempenha. A sua participação em O Gotejar da Luz foi a sua reconciliação com África, o regresso ao continente depois da guerra colonial, em que participou como enfermeiro: “Voltei a apaixonar-me por esta terra”.



Marco D’Almeida – Carlos

Nascido em Moçambique e formado na Escola Profissional de Teatro de Cascais, prosseguiu os estudos dramáticos em Londres e Nova Iorque, como bolseiro da Gulbenkian. É com Carlos Avillez, no Teatro Experimental de Cascais que virá a fazer a maior parte da sua carreira. O Gotejar da Luz foi a sua primeira experiência cinematográfica. Mais recentemente tem vindo a participar em produções de cinema, séries de televisão e telefilmes.



Carlos Gomes – Castro

Tendo vivido em Moçambique até aos 14 anos, Carlos Gomes foi buscar às memórias de infância as imagens de figuras de autoridade e de vida quotidiana que viriam a marcar a sua interpretação de Castro no filme. Actor, encenador e formador, trabalhou com Ricardo Pais no teatro de São João e participou em vários filmes de Manoel de Oliveira como Non ou a Vã Glória de Mandar, A Divina Comédia e Palavra e Utopia.



Participações Especiais

Banda Sonora

Nuno Canavarro

Deixou uma carreira de arquitecto para se dedicar à música, que estuda desde os nove anos de idade. Acompanhou Nuno Rebelo em várias bandas Pop/Rock e fez acções de formação em gravação e estudos electro-acústicos nos Estados Unidos e na Holanda. Em 1987 conquistou o primeiro prémio da Mostra Portuguesa de Artes e Ideias. O seu disco *Plux Quba – Música para 70 serpentes*, de 1988, foi reeditado em 1999 pela editora Moikai de Chicago (EUA), tendo recebido excelentes críticas da imprensa especializada naquele país. Colaborador assíduo de Fernando Vendrell, foi o autor da banda sonora da primeira longa metragem do realizador, *Fintar o Destino*.

Fotografia

Mario Masini

Director de fotografia italiano, residente na Alemanha. É o responsável pela fotografia de alguns filmes italianos marcantes. Em 1971 fez o seu primeiro filme com os irmãos Taviani, *San Michele aveva un gallo*, parceria que culminou com a direcção de fotografia do filme vencedor da Palma de Ouro de Cannes, o celebrado *Padre Padrone* (1976). Do seu extenso currículo fazem parte ainda documentários, curtas-metragens e encenação teatral.

Canção Tema

Letra e Música de Luis Represas

Lista de Actores

RUI PEDRO (50 anos)
LUÍS SARMENTO

PASTOR
ALFREDO ERNESTO

RUI PEDRO (14 anos)
FILIPE CARVALHO

JACOPO
AMARAL MATOS

ANA
ALEXANDRA ANTUNES

ALICE
TERESA MADRUGA

CÉSAR
ANTÓNIO FONSECA

FOMBE
MARENGUELE MAWHAYI

GUINDA
ALBERTO MAGASSELA

ISAURA
CARLA BOLITO

BARROSO
VITOR NORTE

MÃE DE ANA
ANA MAGAIA

CARLOS
MARCO DE ALMEIDA

CASTRO
CARLOS GOMES

MULHER DO ALGODÃO
ADELAIDE JORGE SIBINDE

MARINHEIROS DO BATELÃO
ANTÓNIO LUCAS
INÁCIO MAPOSSE
JOÃO MICAS
RAUL FABIÃO

PAI DE ANA
JUSTINO SEIA

MACHIBIQUE/TOCADOR DE VIOLA
FERNANDO GROMING

MOTORISTA CASTRO
JÚLIO MAGUENGUE

AMIGOS DE RUI PEDRO
ALBERTO HONWANA
CARLOS PAULO
JOSÉ ANTÓNIO
JOSÉ MONDLANE
JÚLIO MATAVELE
NELSON MATSIMBE
PEDRO DAVID
SALVADOR FLORÊNCIO

FUNCIONÁRIOS DO ESCRITÓRIO
JOÃO FALAMENTE MONTÃO
RENATO RAUL

HOMEM DA CHARILA
AZARIAS JALANE (Cataneiro)

FUNCIONÁRIO DA COMPANHIA
SAMUEL BENJAMIM

ESCRITURÁRIO
JÚLIO KALA

ASPIRANTE
EVARISTO VITORINO

MULHER DO MERCADO
OLINDA JANUÁRIO PINTO

CABO DE TERRA
ARTUR CALADO

PAGADOR
JOÃO RIBEIRO

FUNCIONÁRIO
PAULO GUILHERME SANTOS

NTÉRPRETE
LUÍS SÁVEL

ICRIADO "PEQUENINO"
PANAIBRA

AJUDANTE DE GUINDA
JUSTINO COSSA

MULHER DA CANTINA
MARGARIDA MANJA

CAIXEIRO DA CANTINA
GILDO TIMÓTEO

LISTA TÉCNICA

Produção
ANA COSTA
FERNANDO COSTA

Produtores executivos
JOÃO RIBEIRO
JOSÉ TORRES

Assistentes de realização
PAULO GUILHERME
CAMILO DE SOUSA

Direcção de produção
PEDRO BENTO

Caracterização
IAN SWANN

Decoração
JOÃO MARTINS
NORODINE DAÚDE

Figurinos
ROSA FREITAS

Som
GITA CERVEIRA

Montagem
JOSÉ NASCIMENTO

Fotografia
MARIO MASINI

Argumento
LEITE DE VASCONCELOS

Música
NUNO CANAVARRO

Realização
FERNANDO VENDRELL

Leite de Vasconcelos

Biografia

TEODOMIRO ALBERTO AZEVEDO LEITE DE VASCONCELOS nasceu a 4 de Agosto de 1949. Faleceu a 29 de Janeiro de 1997.

Jornalista de profissão essencialmente homem da rádio, estreou-se nos anos 60, na Beira e, em 1969, transitou para o então Radio Clube de Moçambique.

Por razões políticas foi viver para Lisboa em 1972. Redactor do jornal Expresso, passa depois para a Rádio Renascença, onde foi redactor, produtor de programas e locutor. No seu programa «Limite» deu a senha que fez despoletar o golpe de estado de 25 de Abril de 1974.

De regresso a Moçambique ingressou na Rádio Moçambique, onde vai ocupando sucessivas posições de responsabilidade, tendo ocupado de 1981 a 1988 o cargo de Director Geral, função que acumulou durante dois anos, com o de Director da Televisão Experimental de Moçambique.

De 1988 a 1991 foi assessor de comunicação do Primeiro Ministro.

Foi Presidente do Conselho Deontológico da Organização Nacional de Jornalistas, Professor e Responsável Pedagógico da Escola de Jornalismo de Maputo. De 1981 a 1984 foi Vice - Presidente da Organização Internacional de Jornalistas. Membro de corpos gerentes da AEMO, desde a sua fundação até 1992.

Declamador e actor de teatro, participou em 1990/ 91 na peça «A Morte de Bessie Smith». Criou o Teatro Radiofónico na rádio de Moçambique, tendo escrito, adaptado e produzido dezenas de peças. Concebeu e produziu diversos programas radiofónicos de grande audiência em Moçambique e Portugal. Para a televisão, concebeu, dirigiu e apresentou o programa «Volta a Moçambique» em 1990/ 91. Orientou diversas mesas redondas e escreveu roteiros e textos para diversos documentários. Foi correspondente da televisão portuguesa SIC, em Moçambique.

Escreveu o argumento e o roteiro para o filme «O Gotejar da Luz» que em 1995 foi unanimemente seleccionado pelo júri do IPACA – Instituto Português para a Arte Cinematográfica e Audiovisual.

Publicou o livro de poemas «Irmão do Universo». Tem prosa e poesia espalhadas em jornais, revistas e antologias. Tem crónicas e críticas políticas publicadas em diversos jornais.

Participou e apresentou comunicações em conferências, congressos e seminários internacionais de jornalismo.

Distinções:

Recebeu os prémios do «Melhor Locutor do Ano» e do «Melhor Programa Radiofónico do Ano» com o seu programa «A Noite e o Ouvinte» (1971); o prémio da Casa da Imprensa, de Portugal para o Melhor Programa do Ano - «Limite» (1974); a medalha Julius Fucik da Organização Internacional de Jornalistas (1981); o prémio de crónica «Areosa Pena» e o prémio para o Melhor Programa Radiofónico do Ano «Sabadar» da ONJ (1988); prémio 10º Aniversário da AEMO para o conto «O Lento Gotejar da Luz» (1991).

O Lento Gotejar da Luz

Conto Original de Leite de Vasconcelos

Jacopo, meu avô, anda comigo, volta ao rio sem mistério, à fronteira de verde, aos búfalos das ternas solidões apetecidas, aos segredos lunares das banjas de eu contigo. Tu dizias versos migrantes de cansaço, analfabetos poemas feitos da meiga astúcia que vem depois do sol, quando o dia se esquece na memória do tempo, dissolvido no lento, lento, lento gotejar da luz.

Eu era o teu caderno, página a página aberto à caligrafia rouca do teu rude, tenaz, indelapidável amor dos actos simples, cativos do futuro, por instantes resgatados no desejo inquieto, na saudade sem pátria e sem história dum recanto de gente. O resto de shima endurecia, as sombras navegavam regatos de luar, atentas rodeavam o lugar do fogo.

A cana descansava nos teus braços, náufraga do descante da água no exausto vaivém do batelão. Por vezes amputavas a fala, estacavas de pudor a borda da raiva. No silêncio, os teus olhos, marinheiros do rio, recontavam as lágrimas de algodão carregadas entre um e outro dos teus portos.

Na tua margem, onde o batelão dormia, acabava a Gorongoza.

Na outra, entre embondeiros, a Europa começava.

Mas era sem mistério a divisória. Lembras-te, Jacopo, como fluíam límpidas as águas? Mostravas-me a tilápias jovens em bailados imemoriais, as orquestras de vento e canavial, a farinha nevando sobre as rochas ao sol de Julho, os sapos da lua cheia e as tímidas serpentes de esmeralda. Chegavam os tumultos barrentos de Dezembro, o rio esquecia-se de preguiçar nos lençóis de areia. Torvo e mau, comia a terra. Tu sorrias: “o rio dá a cheia para eu poder descansar”. O mistério era seres, no rio, o marinheiro transcontinental.

Tu, que nunca viste ondas, cargueiros e paquetes, e calculavas a rota do teu batelão motorizado a músculos por uma árvore, um palhota, um morro de muchém, fazias, quotidiano, o milagre de dois oceanos a cavalo no Pungué.

Lágrimas de algodão suadas na tua margem, brancas e macias, refluíam da terra para as mãos e a prisão áspera, faminta, da serapilheira. Chegavam-te as vidas ensacadas como se fosses, meu avô, Jacopo, o barqueiro do inferno doutra, distante, mitologia.

Deste rio não se bebe o esquecimento. Vem, recorda comigo a tua perplexidade, explica-me o que então ignoravas e deves saber agora, se te foi permitido consultar os teus antepassados. Como contaria Romeu o acontecido - há tantos anos - nesta margem do Pungué? Seria a mesma estória se fosse contada pelo velho Fombe, mecânico e camponês, ou pelo recrutador Calafate, há vinte anos ou daqui a dez? Fombe finou-se entre os embondeiros da margem de lá - há-de ter sido de dia, à vista da machamba, sob a luz natural, sem fumos de gasóleo, espero que fosse assim - e Calafate vive num subúrbio de Joanesburgo. As memórias escorrem como as águas do Pungué. As que acariciaram os seios de Ana jamais descerão por esta margem, mas mergulho as mãos na corrente e desperto nela a firmeza macia da carne e, no ar, o voo curto da catana ao sol branco do meio dia.

Há duas semanas Romeu telefonou-me de Lisboa. Imagino-o no automóvel a buzinar impaciência ao trânsito indiferente. Vejo-o apertar os lábios sob o bigode cor de cinza (tem agora cinquenta anos, Romeu, cinquenta anos, uma idade que então não poderíamos imaginar para nós). Perguntou-me pela família e respondi e quis saber da dele e ele respondeu e seguimos trocando os sinais costumeiros de amizade. E se lhe tivesse perguntado, a trinta anos a milhares de quilómetros de distância: sabes do Guinda?

José Guinda, igual a Clara Gable salvo na cor, meu outro professor, nas viagens da carrinha Mercedes Benz , ensinando-me os segredos da embraiagem e do volante e as intrigas da areia e do matope contra os pneus. José Guinda, cavaleiro das picadas do mato, ficou-me dele principalmente a memória das mãos.

Tudo parecia dócil para elas, o volante, a viola, Ana. Tudo excepto a catana, junto ao rio, resistindo erecta um infinito instante.

Não sei se nesse instante os olhos de Ana desafiavam Guinda ou pediam a morte. Revi milhares de vezes, revejo agora, claro, nítido, o momento da decisão. Nenhum músculo de Ana se moveu, estátua nua, sentada sobre as pernas, a pele escura pontilhada de estrelas de água, o rosto erguido, os olhos abertos contra o sol, gangrena intoleravelmente branca gotejando luz. Guinda e Ana estavam imóveis. Afastado, tu corrias para nó e gritavas. Perto, Romeu caído, desmaiado de pancada e de pânico. Creio que dei um passo, mas não estou certo se foi isso que fiz ou se apenas agitei os braços. Recordo-me, sim, os olhos de Ana, abertos, levantados contra o sol e a catana, oferecendo-se à lâmina, pedindo-a, ou desafiando Guinda, certos da sua renúncia.

Pode amar-se alguém apenas no momento em que sabemos que vai morrer? Porque eu amei Ana nesse instante, como nunca amei nem poderei amar.

Jacopo, meu avô, explica-me agora o que não soubeste ou não quiseste dizer-me então. Como acontece esgotar-se em alguém, num só segundo, por toda a vida, as fontes da paixão? Quase criança eu, quase adulta Ana, que incidente produziu a descarga que drenou de mim a qualidade do amor absoluto, irracional, que se transforma em nós ou nós nele, sem resto nem condição?

Ana , menina, gazela, tão cedo mulher. Ana do Guinda, promessa e acordo, de caso acordado família a família, decidido pelos deuses antes da madrugada dos tempos, evidente nos dois, visível para todos. Ana do Guinda, Guinda da Ana. Impensável outro homem de que Ana pudesse ser, outra mulher para Guinda. Impensável , até Romeu chegar da margem europeia do rio, jovem esguio, olhos ardentes e riso solto.

Ninguém soube. Guinda viajava, ausências de dias. Não eram aqui falados casos de amor entre um adolescente branco e uma menina negra. E da confusa descoberta do amor , Romeu e Ana guardaram segredo.

Neste lugar pequeno havia recantos discretos: canaviais na margem e nas ilhas do rio; a velha e esquecida fábrica de descaroçamento de algodão, sombria e povoada de morcegos; o barracão do gerador, domínio só de Fombe, que chegava da outra margem ao entardecer; a casa das Obras Públicas, desabitada quase sempre e afastada do povoado. Em segredo, Ana e Romeu teceram os seus amores, crianças desafiando por inadvertência os deuses e a esconderem-se deliberadamente dos homens.

Guinda adivinhou (ou o despeito dos deuses disse-lho) e armadilhou a tarde com o regresso inesperado.

A ela volto, como quem viaja ao princípio do mundo. Para cada homem o princípio do mundo deve ser o local onde começou a conhecê-lo, não coisa física exterior , mas parte imaterial, íntima, misteriosamente entrelaçada com as veias e os nervos, crescendo dentro como uma árvore. Venho à procura de uma raiz perdida, duma claridade entre os ramos que tivesse ficado encerrada nas sombras, de algum sinal incompleta ou erradamente decifrado. Encontro um mundo tão

diverso e alheio que repugna à memória reconhecê-lo. Todavia, é o mesmo este rio, estão iguais as pedras, pouco envelheceram as árvores, são idênticos os rumores brandos do vento e o concerto estrídulo das cigarras. Deitado o corpo sobre o capim, cerrados os olhos, sentindo apenas odores, vibrações, ruídos, calor e brisa regresso por um instante – mas um instante só - ao teu e ao meu tempo, Jacopo, ao tempo em que te recusaste dizer-me o segredo dos olhos de Ana e do meu amor esgotado neles.

Porque eu procurei-te naquela noite: Guinda fugira, Romeu fora levado para o hospital e Ana emigrara para o universo do silêncio de que nunca saiu. Pela primeira vez, vi os teus olhos frios e hostis, zangados, engastes de ódio antigo no rosto de couro. Era eu também um estranho, vindo da margem europeia do rio, além, onde mirravam na distancia e fugiam as dores brancas do algodão?

Sabes? Só mais tarde entendi que me condenaste por cúmplice. Nessa noite eu vinha limpo de culpa, seco de paixão e vazio de infância. Ergueste a barreira do teu ódio puro de embondeiro ferido; depois, mais dilacerante, a tua vergonha de o teres centrado em mim, muana ignorante dos mistérios da terra, do amor e da raiva.

Nessa tarde, quando Guinda chegou e eu fugi a procurar Ana e Romeu para avisá-los e corri pela margem do rio buscando-os, tu soubeste da traição de Ana e do meu conhecimento dela. Talvez este te tenha doído mais, por pensares que, entre Romeu e Guinda, eu havia escolhido o branco chegado da outra margem para roubar Ana, como outros vinham levar homens, madeira e algodão.

Como explicar-te, Jacopo, o que não soubeste ensinar-me? Que ambos, Romeu e Ana, desatinados, quiseram importar do futuro um átomo de racionalidade e incrustá-lo nos seus dias, como uma bolha opaca, a habitá-lo de corpos e ternura e murmúrios seus e música adolescente. Que ambos, Romeu e Ana, um no outro imersos, esqueceram ou nunca tinham compreendido os mandamentos dos deuses, as injunções dos homens, os presságios das aves e das árvores, os usos e balanças, as ossadas obsessivas dos conquistadores e as vinganças póstumas dos mártires e a sedosa tortura do algodão nas mãos enquistadas de palmatórias.

Da mais antiga sabedoria conheço que a substância do tempo é a vida, mas viajo nos dias como se fossem comboios que chegam e partem, neles embarco e deles desembarco com a regularidade dos pêndulos, embora sempre, depois, se recolham em mim, fantasmas num armazém de paisagens esfumadas e sucata ferroviária. E conheço também que a vida e o tempo em mim se dissociaram na tarde em que não soube distinguir se os olhos de Ana, sob a gangrena branca do sol, acolhiam serenamente o fim do tempo ou desafiavam o amor de Guinda pela vida. Não sei se foi a brancura óssea do sol, se os olhos de Ana, se o silêncio terrível de Guinda, se os teus gritos aproximando-se, Jacopo, ou se foi o movimento inflexível das águas do rio, que me fez chegar, lúcida e gelada, a certeza de que Ana ia morrer. Dirás que era natural esta certeza, pois a catana elevava-se na mão de Guinda e nenhum de nós podia chegar a tempo de impedir que descrevesse o seu curto arco de vingança. Espera. Não te falei ainda da mais estranha ocorrência dessa tarde, aquilo que tu nunca soubeste e me fez regressar, hoje, às margens do Pungué, para pedir-te e aos teus antepassados que mo expliquem.

Naquele instante, eu sabia que Ana ia morrer e amei-a com um amor inesperado, torrencial, desesperado, absurdo, mas dotado de consciência própria, como se toda a capacidade de amar, dispersa pelos homens de todos os milénios se tivesse condensado e comigo formasse uma unidade simbiótica. Nesse instante senti o amor de Ana por Romeu e o amor de Romeu por Ana, e o amor violento de Guinda por Ana e o meu perplexo, encantado amor por todos eles. Nesse instante Jacopo, nesse instante dilacerante e mágico, eu sabia que Ana ia morrer e que Guinda não mataria Ana.

Quando te procurei, nessa noite , meu avô Jacopo, só os teus olhos me falaram. Queria sentar-me junto a ti, como antes tantas vezes fizera, dizer da minha ignorância e aprender contigo. Havia tantos mistérios para explicares.

Mas tu, lembras-te, abanaste a cabeça e apertaste a minha mão, antes de entrares na palhota. Talvez temesses que te perguntasse o mais evidente, a razão do sangue. Possivelmente , tê-lo-ia feito, embora a soubesse, porque muito a tinhas explicado antes.

Queria perguntar-te por que amei Ana só no instante em que soube que ia morrer e como pude ter a certeza da sua morte, sabendo que Guinda não mataria Ana.

Acredita ,Jacopo, quando Guinda deixou cair o braço e abriu os dedos e a catana tombou, inocente, no capim, quando Guinda virou as costas aos olhos de Ana e ao corpo inanimado de Romeu e se afastou devagar, eu sabia que Ana ia morrer. Quando Ana, nua, as gotas de água cintilando sobre a pele, se movia de joelhos para junto de Romeu, eu sabia que ela ia morrer. Então , Jacopo, tu chegaste. Só eu vi. Sem uma palavra, apanhaste a catana do chão, levantaste-a acima do ombro, no braço habituado a empurrar o batelão e fizeste-a descer, rápida, contra a nuca de Ana.

O ruído surdo do choque fez Guinda parar, voltar-se, correr. Ana caíra a um metro de Romeu. O crânio fendido parecia ter explodido. Sobre a pele luziam ainda, alegres, as gotas de água. No capim em redor brilhavam estrelas vermelhas.

Guinda tirou das tuas mãos a catana. Não falou contigo. Correu para mim, segurou-me por um ombro com a mão livre e disse: " Fui eu que matei. Ninguém mais viu. Fui eu que matei e fugi". Repetiu várias vezes as mesmas palavras, abanando-me, mas sem violência. Parou quando acenei e só então falou contigo. Creio que disse o mesmo. Depois partiu, seguindo a margem do rio.

Não olhara para o corpo de Ana, depois de sabê-la morta.

Diz , meu avô Jacopo, naquela noite, quando te procurei, receaste que perguntasse a razão do sangue? Foi por isso que não falaste e deixámos de partilhar a noite, a fogueira e a shima, até chegar o fim das férias e eu regressar à cidade, e ao liceu ?

Nas férias seguintes, ao atravessar o rio, não te encontrei no batelão. Tinham deitado abaixo a tua palhota, porque isso se faz quando um homem morre na sua casa. Desconheço o lugar onde enterraram o teu corpo.

Vem agora, Jacopo. Senta-te comigo, aqui, na margem deste rio sem mistério e ensina-me o que continuo a ignorar.

Não te pergunto porque mataste Ana.

Debaixo deste sol igual à fogueira branca daquela tarde, diz-me, Jacopo, quanto tempo deve levar o lento, lento, lento gotejar da luz, até o amor não ser uma ofensa mortal?

Leite de Vasconcelos

Exposição do Centro Matalana

Exposição de Pintura do Centro Cultural de Matalana (CCM)

Obras de Malangatana e das crianças que participam em projectos do CCM estarão expostas no átrio do Cinema São Jorge, na ante estreia do filme, em consequência da cooperação estabelecida entre a Cinemate e o Centro. O objectivo desta mostra é a de chamar a atenção para o trabalho do Centro, com grande impacto na região em que actua e que é apoiado pela Cinemate. É também a oportunidade de prestar uma homenagem ao jornalista Leite de Vasconcelos - colaborador e amigo pessoal do mestre Malangatana, que é fundador e actual presidente da direcção do CCM.

O Centro Cultural de Matalana

Organizado e dinamizado através da Associação Centro Cultural Matalana (ACCM), o Centro faz parte de um programa global para o desenvolvimento da zona de Matalana, localizada no distrito de Marracuene, a cerca de 40 quilómetros do centro de Maputo, na República de Moçambique. O seu objectivo é a promoção do desenvolvimento integrado de Matalana no sentido de tornar a localidade num pólo de desenvolvimento para as regiões circunvizinhas, através de projectos de criação de infraestruturas de interesse comunitário e de desenvolvimento de meios de subsistência para a população, baseados na realidade local, através de Programas-Área que incidem sobre a agro-pecuária, a saúde, educação, cultura e habitação.

O Centro conta já com projectos nas áreas do ensino básico, formação profissional, educação para a saúde, formação artística e musical, formação de formadores, biblioteca-museu antropológico e desporto.